



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

# Fraternidade



**P'ró Camacho se arranhar  
E p'ra que perca a vaidade,  
Até eu venho votar  
Com a lista da cidade.**

## PALESTRA AMENA

## Fóra do seu logar

N'outro sitio, e sob a responsabilidade do nosso mais apreciavel colaborador, vão algumas palavras a respeito d'uma peça ha pouco representada no teatro da Trindade e de que são autores—um cenografo e um aderecista.

Todos os jornaes se referiram ao facto, por dever de officio e alguns repetiram a já velhissima observação de que é raro quem não queira ser aquilo que não é, fazer o que não sabe ou não aprendeu, ou aquilo para que não tem vocação.

Verdade velha, sim, mas em que convem martelar, a vêr se entra de vez em cachimonia de portuguezes, que para tudo se julgam habéis—e para muita coisa o são, realmente.

Os resultados é que quasi sempre são desagradaveis e é assim que o nosso sapateiro nos entrega sempre as botas mal acabadas porque enquanto as fazia estava estudando um papel dramatico para certa recita de amadores, o nosso medico nos receitou quinine quando nos queixavamos d'uma unha encravada, porque estava com pressa visto ter de tomar parte n'uma partida de *foot-ball*, a nossa engomadeira nos falta com a roupa sempre que ha sessão no *Club Abaixo as Calças*, de que é presidente pelas suas qualidades oratorias, etc.

Mas o mais vulgar n'este mixto de profissões em cada individuo, pondo em geral de lado o que melhor lho competiria, é o facto d: se julgar literato. Enxameiam por todos os cantos os literatos, sem a menor preparação, sem conhecimentos senão da lingua patria, só porque exprimindo-se em portuguez os outros os compreendem, de onde deduzem que o sabem.

De mais, elles não supõem que a litteratura constitua uma profissão; se lhes fazem alguma observação respondem que escreveram a peça, o romance, o conto, por desfastio, não para ganhar a vida, como se assim atenuassem a culpa, como se esse delito não prejudicasse ninguem—editores, emprezas, publico que paga e que fica ludibriado.

Veem estas palavras para condenar os autores da *Ordem do dia*? Não; elles tem na sua retaguarda milhares de exemplos a justificar-lhes o procedimento, legiões de pseudo-e critores que são excelentes amanuenses, artifices consumados na alfaiateria, caixeiros zelosos, etc. E a critica benevolmente aceita estes, notando apenas, com timidez, que as indecisões são desculpaveis em quem principia ou adoçando a prosa, em que se pode transparecer a justiça, com referencias a «talentos prometedores», «difficuldades do genero», e pilulas semelhantes.

N'esta coorte destacam-se alguns consciences: são os que, embora arrebatados pela necessidade de fazer o que não sabem, reconhecem que lhes falta a competencia gramatical e por isso, procuram um companheiro

iniciado nos misterios da prosodia e da sintaxe. E ouvem-se então as orações com o sujeito, o verbo e os attributos no seu logar, as palavras rigorosamente acentuadas, versos de medida impecavel, prosa sonorissima, mas tudo isso tristemente vazio, oco, desenhado, inestatico como um coxo que se encostasse a uma muleta de pau santo.

E com esta linda imagem terminamos as presentes considerações, que damos como não escritas com relação aos autores da *Ordem do dia*, porque são nossos particulares e estimadissimos amigos.

J. Neutral.

## Venceram todos!

Ora aí estão umas eleições que deixaram toda a gente satisfeita: leiam-se os jornaes de qualquer côr politica, a respeito das ultimas eleições camarasarias: clamam victoria os democraticos, os evolucionistas, os unionistas, os socialistas e os monarchicos.

—Nós tivemos as maiorias, diz este.

—Nós a maioria das minorias, afirma outro.

—Os adversarios só tiveram as maiorias porqu: se combinaram contra nós, assegura aqu le.

—Nós vencemos em concelhos cada um dos quais vale por sete d'aqueles



em que venceram os nossos inimigos.

—O triunfo é nosso!

—Vitoria!

—Gloria ao nosso partido!

De onde se conclue que o paiz é monarchico e republicano ao mesmo tempo e que, como republicano, é simultaneamente democratico, evolucionista e unionista. E depois de tais provas os politicos hão-de ficar muito admirados se lhes dissermos que o paiz não é nada d'isso e que quer que os senhores vão para onde não façam dano.

## A obra da Cama a Municipal

Aventa um colega nosso—e nas suas ideias abundamos—que se deve dar a qualquer arruamento de Lisboa o nome de Levy, p: repetuando-se d'esse modo os altos servicos prestados á capital pelo sr. Levy Marques da Costa.

Aprovamos, dizemos, e já que estamos com a mão na massa declaramos que tambem não deve ser esquecido o nome do sr. Castanheira de Moura, que, posto que não tenha feito parte da edilidade lisboeta, não tem menos jús á gratidão dos alfacinhas.

O que ambos tem praticado está na

memoria de todos. Comtúdo, quanto á camara, memoremos que se lhe deve:

1.º—A captura de tres cães vadios.

2.º—A rega do Chiado n'um dia de gala.

3.º—Duas varreduras da rua do Ouro durante o ano corrente.

4.º—A demolição de um urinol ao fundo da calçada do Duque.



5.º—O concerto permanente da rua dos Bacalhoeiros.

6.º—A exposição diaria dos barris de lixo em todas as portas da cidade, até ao meio dia.

7.º—A chuva de flôres no outono, na praça de Camões, projetada pelos pardais.

Parece-nos o suficiente não só para batar uma rua com o nome do sr. Levy, mas até para lhe levantar um monumento.

## O boi-cavalo

Lisboa tem sempre alguma novidade a atrair as atenções: agora é o boi-cavalo, que a direção do Jardim Zoologico anuncia como uma das maiores maravilhas do mundo, no que não exagera. O animal de que se trata não só tem o aspecto exterior dos dois de que se compõe, mas mesmo moralmente—por assim dizer—é boi e cavalo, como já tivemos occasião de presenciar, pois que faz a côrte não só ás eguas que visitam o Jardim mas tambem ás vacas. Rincha ou muge, conforme a especie de femea que se lhe aproxima.

Animais duplos ha muitos, bem sabemos: por exemplo o maestro Leão-cavalo, não falando em varios tipos que participam das raças humana e bo-



vina. Este, porém, é particularmente interessante porque se presta a uma lide tauromaquica, fazendo de cavalo e de boi ao mesmo tempo. O cavaleiro monta-o e farpeia-o, sem receio de que a montada seja colhida.

E aí fica, em esboço, uma bela ideia para o nosso Segurado explorar.

## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Zéjinha

Ai, filha! Ainda istou a rir cu raio da pessa do Iduardo Reis cen fo na Terindade, xamada *Orde do dia* i que ce ar-representou na vespra de Sam Martinho! U Reis a fazer uma pessa já tem munta grassa; a pessa çubir á cena na noite de Sam Martinho tamem é vóa piada, mas u resto é qué da jente se iscança har a rir!

Imagina, Zefa:

U cumpadre, cumu é cabo de pulissa e é ruivo xamasee Cabo Ruivo! As capopas que vão á fonte cando á falta de agua, xamamce Margaridas-vão-á-fonte!

As istrelas ção u conhaque de tres istrelas, us ovos istrelados i um cundutor dos inletricos da Istrela!

A um pulissa que vai conçultar u ispiassalista de olhos aplicam-se antenas!

Da sr.<sup>a</sup> Palmira Bastos disse que ganha setesentos mel réis posta in casa!

Para ce tirar um ponto á çorte em curcuço xamace um inussente i quem



aparese é um preso pur dezer que istava inussente!

Infin, é um nunca a cabar de ditos i coisas de espirito que inté nan te conto mais praque te pode fazer mal ó estamago. Isto nan falando nu desimpanho que tamem é distoirar nem das pernas de sarta curista que pur pouco nan deitaram a casa abaxo cun tanta gragahada!

Nan me poço alungar mais purque ainda istou cun a dôr de barriga purdizada: foi uma limpeza cá pur dentro, minha Zefa. Isculpa ce nan sou mais istenço i arrasebe u curaçáo sódoso do teu isposou para cempre i ubrigado

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama  
de Pêras-Ruivas

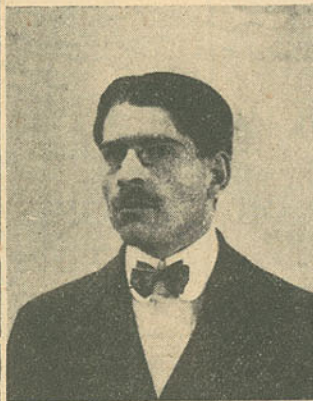
## Bom titulo

Os escritores portuenses Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa concluíram com destino ao teatro Nacional, do Porto, uma revista com o titulo: «A mulher».

Ora aí está um titulo que indica imediatamente que a peça tem pés e cabeça!

## EM FOCO

## Rocha Junior



*Intitulou Veneno o Rocha amigo  
O bom livro que tenho aqui presente,  
Qual se fosse nocivo, dissolvente  
Ou na prosa encerrasse algum perigo.*

*Pois, caro Rocha, o que se deu comigo  
Foi acha-lo dulcissimo, inocente,  
Saborea-lo, emfim, gulosamente  
Como se fosse pão de loiro trigo.*

*Veneno para os parvos, não duvido,  
Cauterio que empregou com mão segura  
Guiada por talento desmedido;*

*Já pinçam com a dôr na madadura  
Mas deixe-os lá pinçar, porque é sabido  
Que aquilo que mais arde é que mais cura.*

BELMIRO.

## Indiscreto

O nosso querido dr. Amilcar de Sousa usa de hipnotismo nas curas e com ele tem obtido excelentes resultados. Assim, conta que «uma menina de 16 anos, muito gentil e graciosa, sendo acometida de nervoso e fraqueza cerebral, foi por ele curada, na presença da mãe—por causa das moscas.

E conta o doutor:

«Fizemos deita-la n'uma ampla chaise-longue de crina, aplicámos o olhar central, tomámos-lhe as mãos e suggestionámos-la para que dormisse a sorrir—para se curar dos incomodos. As pupilas tornaram-se midriaticas, as palpebras franziram-se, os olhos foram-se cerrando e adormeceu sonhando com os labios tremulos...»

Por fim a menina acordou, disse que estava melhor e que ia ao liceu.

Muito bem. Visto que a mãe assistiu á applicação do olhar central, não ha que lançar maldade nos sonhos, com os labios tremulos. O que, porem, é de censurar é o estilo da descripção, que bem se poderia fazer com menos sensualidade.

Nada temos com a referida menina, mas afirmamos que se ela fosse da nossa familia o doutor passava um mau quarto de hora.

## A proposito...

A proposito de atestados medicos—assunto que se tem discutido ultimamente—um anonimo envia-nos o que se vae lêr, dizendo-nos que foi passado em 1820 a um rapaz que pretendia livrar-se de miliciano.

Provavelmente é brincadeira, mas, como tem graça, ele aí vae:

«Elario G. F., Cirurgião Girurgico de Freumaceutico pello Porto Mendicatio, e pello mesmo destinado á plicar a materea vaginosa, essa invenção tão

util á Mortalidade, que neste piqueno recinto chamado pelos Astrologos Ilha terceira, foram vaginadas sette mulheres gravidas por mim em um só dia, e nenhuma morreu nem teve bexigas.

Attesto que o suplicante padesse huma inconsequencia, por isso não pode servir sua Rial Magestade.

Ilha terceira 20 de Maio de 1824,  
—Elario G. T.»

## AVISO

Aos autores dramaticos, actores, etc.

Pede-nos o nosso amigo e ilustre collaborador Jerolmo, de Peras Ruivas, para participar aos interessados que tendo começado a epoca de inverno nos teatros, desde já recebe as cartas de empenho necessarias para atenuar, tanto quanto possível, a dureza das suas apreciações imparciaes.

Outrosim comunicamos, em seu nome, que as atrizes bonitas não necessitam de intermediarios para serem bem tratadas por Jerolmo; tem consigo proprias, na formosura, a respétiva recommendação.

Quando aos artistas consagrados tenham este ano a maior cautela com o que fazem, porque Jerolmo está disposto a despertar-los rudemente se adormecerem á sombra dos loiros conquistados, a não ser que apresentem ao abalisado critico empenhocas de tal modo valiosas que não lhes possa resistir, por exemplo, carta do sr. dr. Afonso Costa.

## Correspondencia

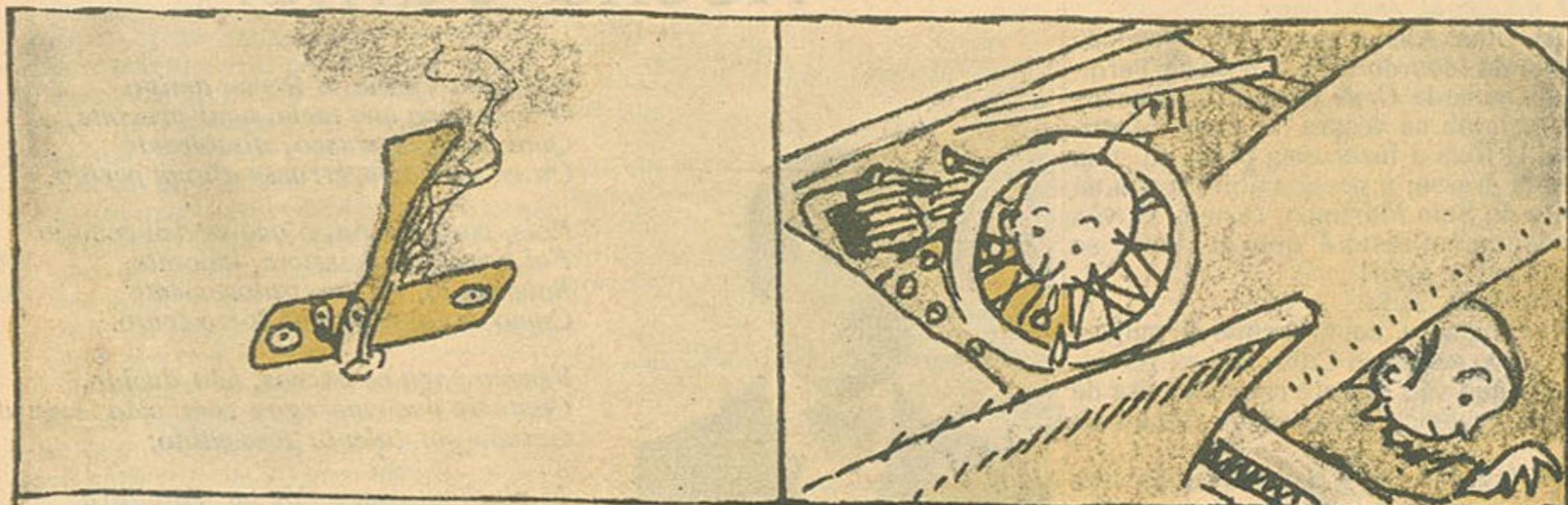
**Maria Cachuca.**—D'esta vez não vae. Não queremos mais desgraças cá em casa.

**Ramiro.**—Com 14 anos apenas o melhor é o menino fazer outra coisa em lugar de versos. Valeu?

# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

13.<sup>a</sup> Parte — 5.<sup>o</sup> Episodio

O MISTERIO DA CASA — (Continuação)



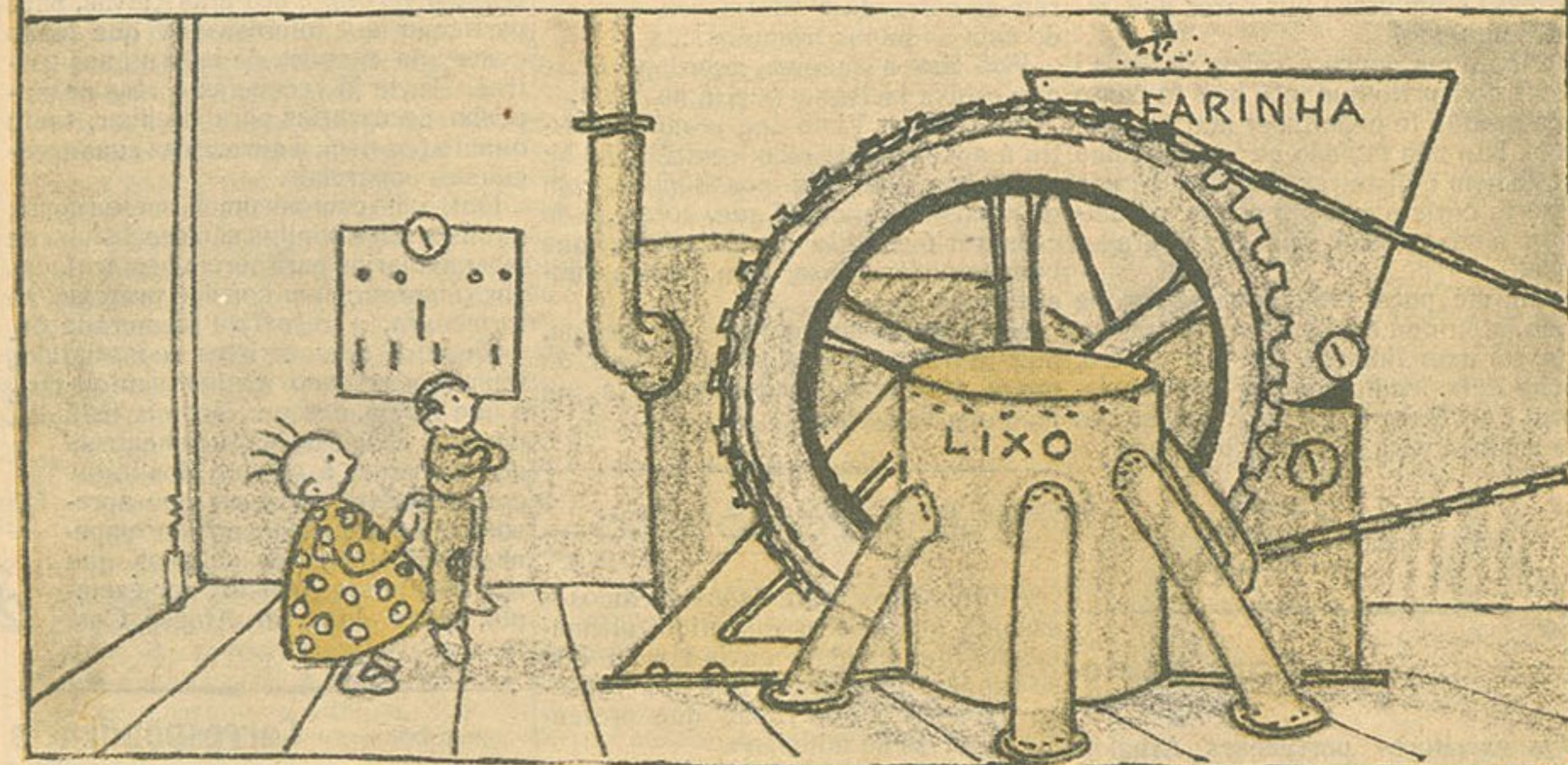
1.—Infelizmente, o aeroplano é atingido e tomba em chamas.

2.—A queda é *kolossalissima*, mas os dois heroes salvam-se da rascada,



3.—ficando o Manequinhas deitado n'um palheiro proximo, por ter uma perna partida.

4.—Mas o Quim não desanima e corre em socorro do Manecas.



5.—Os bandidos eclipsam-se — que pena! — e o Quim, um valentão que deixa a perder de vista o mais destemido (fez-se agora assim; d'antes era um bocadinho medroso) dá liberdade ao Manecas e passam ambos em revista a celebre casa misteriosa. A certa altura depara-se-lhes um estranho aparelho, que só pelos significativos letreiros que possui lhes permite adivinhar o que seja:—Uma fabrica de moagem de sistema modernissimo...

(Continua)